

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 2



Atena
Editora
Ano 2019

Bianca Camargo Martins

(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 2

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E78 O essencial da arquitetura e urbanismo 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP):
Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo;
v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-266-1
DOI 10.22533/at.ed.661191704

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins,
Bianca Camargo. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos dias de hoje, é muito discutido o papel social da Arquitetura e do Urbanismo. Por muitos anos, o papel social foi interpretado apenas como a arquitetura específica para as camadas populacionais de menor renda, sem acesso ao mercado formal de moradias – e de arquitetura. Porém, com a crise urbana em que vivemos atualmente, onde grandes parcelas da população não tem acesso às “benesses” do espaço urbano, essa discussão voltou à tona.

Muito mais do que levar a arquitetura para os mais necessitados, devemos reinventar nossa prática profissional para sermos os agentes transformadores da sociedade atual e enfrentarmos os desafios, sociais, políticos e econômicos que estamos vivenciando diariamente em nossas cidades.

Esta edição de “O Essencial de Arquitetura e Urbanismo 2” apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e urbanismo, como: arquitetura, ensino, conforto ambiental, paisagismo, preservação do patrimônio cultural, planejamento urbano e tecnologia. Assim, busca trazer ao leitor novos conceitos e novas reflexões para a prática da arquitetura e do urbanismo.

Neste contexto, é abordada desde as metodologias pedagógicas ativas a serem utilizadas no ambiente escolar até a compatibilização de projetos com o uso da Metodologia BIM (Building Information Modeling). A acessibilidade é abordada a partir de diversas perspectivas: desde um edifício isolado até a acessibilidade de uma cidade, evidenciando a importância da discussão nos dias de hoje. Cabe destacar também os estudos de análise de edificações culturais e de cenografia de exposições e performances. A relação da cidade com o seu patrimônio cultural é tratada em diversos capítulos, desde a gestão patrimonial até a utilização de cemitérios como espaços de memória – uma iniciativa prática que demonstra que a arquitetura, assim como a cultura, está em todos os lugares. Dou ênfase também à importância dada ao patrimônio imaterial, tema de extrema relevância e que é, muitas vezes, desvalorizado pelo poder público.

A discussão sobre a dinâmica dos espaços urbanos é extensa e deveras frutífera. Nesta edição, os capítulos focam na importância da arborização urbana para o bem estar da população, na participação popular nas discussões sobre a cidade, na problemática da existência de vazios urbanos em áreas urbanas consolidadas, nas estratégias de *city marketing*, na cidade global e demais temas que comprovam a multiplicidade de questões e formas de análise que envolvem a discussão sobre a vida urbana.

Por fim, são apresentados estudos sobre novas tecnologias e materiais voltados ao desenvolvimento sustentável, especialmente no tocante à gestão de resíduos da construção civil e à mitigação de riscos e desastres.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTRIBUIÇÕES DOS ANAIS PARA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ARQUITETURA E URBANISMO	
Sofia Pessoa Lira Souza Augusto Aragão Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.6611917041	
CAPÍTULO 2	13
INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E AS METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS ATIVAS NA ESCOLA DO SÉCULO XXI	
Roberta Betania Ferreira Squaiella Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.6611917042	
CAPÍTULO 3	29
PROJETO DO FÓRUM ELEITORAL DE AFUÁ, O LUGAR SOB O PONTO DE VISTA DOS USUÁRIOS	
Angelo Pio Passos Neto Ana Klaudia de Almeida Viana Perdigão	
DOI 10.22533/at.ed.6611917043	
CAPÍTULO 4	44
PROCESSO DE PROJETO CENTRADO NO USUÁRIO: PENSANDO A ACESSIBILIDADE	
Vanessa Goulart Dorneles Isabela Fernandes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6611917044	
CAPÍTULO 5	61
ACESSIBILIDADE NA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO	
Lília Caroline de Moraes Cecília de Amorim Pereira Eduardo Raimundo Dias Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.6611917045	
CAPÍTULO 6	71
WRIGHT E SIZA: DOIS MUSEUS E O VISITANTE	
Andrya Campos Kohlmann Douglas Vieira de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.6611917046	
CAPÍTULO 7	93
ENTRE O SÍMBOLO DO FASCIO - O PAVILHÃO FASCISTA EM SÃO PAULO	
Gustavo de Almeida Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.6611917047	

CAPÍTULO 8	106
A POESIA CÊNICA DE FLÁVIO IMPÉRIO: BREVE ANÁLISE DA CENOGRAFIA DE 'ROSA DOS VENTOS', DE MARIA BETHÂNIA (1971)	
Carlos Eduardo Ribeiro Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.6611917048	
CAPÍTULO 9	122
CURADORIA COLETIVA E MEDIAÇÃO CULTURAL NA ELABORAÇÃO DA EXPOSIÇÃO: "DO ECLETISMO AO CONTEMPORÂNEO"	
Alexandre Sônego Carvalho	
Ana A. Villanueva Rodrigues	
Geise Brizotti Pasquotto	
Jéssica Priscila Grando	
DOI 10.22533/at.ed.6611917049	
CAPÍTULO 10	131
INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE NA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DE ECOVILAS: O CASO BEDZED	
Emiliana Rodrigues Costa	
Alexandre Pajeú Moura	
DOI 10.22533/at.ed.66119170410	
CAPÍTULO 11	145
WAYFINDING: FERRAMENTA DE PROJETOS NA GESTÃO HOSPITALAR	
Guilherme Gattás Bara	
José Gustavo Francis Abdalla	
Márcia Moreira Rangel	
DOI 10.22533/at.ed.66119170411	
CAPÍTULO 12	152
TRANSFORMATIONS TO THE CLOISTERS AND THRESHOLD OF PAVILIONS IN HOSPITALS OF MEXICO	
María Lilia González Servín	
DOI 10.22533/at.ed.66119170412	
CAPÍTULO 13	160
CONJUNTO ESCOLA PARQUE: PATRIMÔNIO MATERIAL DA BAHIA E REFERÊNCIA PARA CONJUNTOS ESCOLARES NO BRASIL	
Roberta Betania Ferreira Squaiella	
Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.66119170413	
CAPÍTULO 14	177
NOTAS PARA O ESTUDO DE CAPELAS DO CICLO DO OURO EM MINAS GERAIS	
Elio Moroni Filho	
DOI 10.22533/at.ed.66119170414	
CAPÍTULO 15	198
A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO EM COLATINA E SUA TRAJETÓRIA	
Alexandre Valbuza Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.66119170415	

CAPÍTULO 16	214
ESTUDO DAS ARGAMASSAS ANTIGAS DA IGREJA DE N. S ^a DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS EM SÃO CRISTÓVÃO SE/BR	
Eder D. da Silva Adriana D. Nogueira Taina G. dos Santos Gabriela de M. Rabelo Maisa da R. Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.66119170416	
CAPÍTULO 17	229
A INSERÇÃO DOS CEMITÉRIOS NA HISTÓRIA DA CIDADE DE BELÉM NO SÉCULO XIX	
Amanda Roberta de Castro Botelho	
DOI 10.22533/at.ed.66119170417	
CAPÍTULO 18	245
ITINERÁRIOS DA MEMÓRIA: O CEMITÉRIO COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcelina Das Graças De Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.66119170418	
CAPÍTULO 19	257
AS TESSITURAS DA MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DO ESPAÇO: HISTÓRIA ORAL E PATRIMÔNIO NA PEDREIRA PRADO LOPES	
Alexandra Nascimento Alex César de Oliveira Fonseca Ingrid Nayara Brito Jhonatan Ribeiro Santos Letícia Ferreira D'Angelo Martin Nicolas Rodriguez Stenia Carvalho Pessoa Talita Freitas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66119170419	
CAPÍTULO 20	272
O CRESCIMENTO DAS AÇÕES DE PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL	
Monique Avelino Damaso	
DOI 10.22533/at.ed.66119170420	
CAPÍTULO 21	284
FESTA DE SANTA CRUZ EM OURO PRETOA TRADIÇÃO CULTURAL COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO PELA COMUNIDADE	
Letícia Campos Figueiras Fabiana Mendes Tavares Jacques	
DOI 10.22533/at.ed.66119170421	
CAPÍTULO 22	300
MEMÓRIA OU NOSTALGIA? AS RELAÇÕES CIDADE-EMPRESA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: UM ESTUDO DE CASO DA SIDERURGIA EM MINAS GERAIS	
Ronaldo André Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66119170422	

CAPÍTULO 23	315
UMA RUA DE MUITOS LUGARES - ROTEIRO PELO CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ	
Lúcia de Fátima Lobato Ferreira	
Francisco de Assis Pereira de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.66119170423	
CAPÍTULO 24	326
GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: DIAGNÓSTICO DA ATUAÇÃO DO ESTADO EM SÍTIO TOMBADO	
João Gustavo Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66119170424	
CAPÍTULO 25	351
CONSELHO DE PATRIMÔNIO CULTURAL COMO AGENTE DA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E DA MEMÓRIA SOCIAL: ESTUDO DE CASO DO CMPC EM PIEDADE DO RIO GRANDE-MG	
Jucilaine Neves Sousa Wivaldo	
Gilson Camilo de Sousa Neto	
João Batista de Sousa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.66119170425	
SOBRE A ORGANIZADORA	363

FESTA DE SANTA CRUZ EM OURO PRETO A TRADIÇÃO CULTURAL COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO PELA COMUNIDADE

Letícia Campos Figueiras

Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade
de Arquitetura e Urbanismo
Juiz de Fora – MG

Fabiana Mendes Tavares Jacques

Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade
de Arquitetura e Urbanismo
Juiz de Fora – MG

RESUMO: O artigo tem como objetivo apresentar as relações da comunidade do Bairro Antônio Dias, em Ouro Preto – MG, com a Festa de Santa Cruz, tradição de raízes portuguesas ativa desde 1735, visando ratificar a relação entre indivíduo, comunidade, arquitetura e cidade, apontando a manifestação cultural estudada como importante bem imaterial com suporte no espaço urbano. O estudo baseia-se em pesquisas históricas, sociais e urbanas, apresentando uma breve contextualização histórica da cidade de Ouro Preto e da Festa de Santa Cruz. Seguida de uma descrição de como é realizada atualmente e como ocorre a relação com o lugar, bens móveis e integrados e a identificação de seus agentes realizadores e multiplicadores. A comemoração ocorre por um período de três dias, com um conteúdo que abrange o enfeite de cruces de madeira, a ornamentação do cruzeiro presente na Ponte do Antônio Dias, procissões, missa em devoção e

festas. As comemorações diárias são compostas por manifestações culturais do bairro, shows e barracas. Trazendo o autoconhecimento para a comunidade, como pertencente e parte viva de seu patrimônio cultural, busca-se reafirmar a tradição a partir de seu legado cultural, incentivando e garantindo a continuidade da passagem entre gerações. A Festa da Santa Cruz vem perdendo força com passar de seus 283 anos, acarretando na diminuição gradativa de participantes ativos. Através da aproximação do indivíduo e cidade, torna-se possível incentivar e promover a educação patrimonial de forma efetiva. Propõe-se formas de melhor aproximar indivíduo, memória e sítio histórico através de sua rica identidade única e intransferível.

PALAVRAS-CHAVE: Festa da Santa Cruz; Ouro Preto; Patrimônio Imaterial; Preservação.

ABSTRACT: The paper has as objective to show the relationship of the community of the Antônio Dias neighborhood, in Ouro Preto – MG, with the Festival of Santa Cruz, tradition with Portuguese roots active since 1735, aiming to ratify the relationship between individual, community, architecture and the city, appointing the studied cultural manifestation as an important intangible asset with support in the urban space. The study is based on historical, social and urban research, presenting a brief

historical contextualisation of the city of Ouro Preto and the Festival of Santa Cruz. Followed by a description of how it is carried out today and how the relationship with the place, mobile and integrated goods occurs and the identification of its agents and multipliers. The celebration takes place over the period of three days, with a content that includes the decoration of wooden crosses, the ornamentation of the cross of the Antônio Dias Bridge, processions, mass in devotion and parties. The daily celebrations are composed of cultural manifestations of the neighborhood, concerts and tents. Bringing the self-knowledge to the community, as a belonging and living part of its cultural heritage, it seeks to reaffirm the tradition from its cultural legacy, encouraging and ensuring the continuity of its passage through the generations. The Festival of Santa Cruz has been losing strength with the passing of its 283 years, resulting in a gradual decrease of active participants. Through the approximation of the individual and the city, it becomes possible to incentivise and promote the patrimonial education in an effective way. It proposes ways for a better approximation of individual, memory and historical site through their unique non-transferable rich identity.

KEYWORDS: Festival of Santa Cruz; Ouro Preto; Intangible assets; Preservation; Cultural heritage.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a festa de Santa Cruz de Ouro Preto, MG, que ocorre todo ano, comemorada próximo ao dia da Invenção da Santa Cruz em 3 de maio. É realizada no bairro Antônio Dias, que constitui um dos primeiros e mais tradicionais bairros desenvolvidos em Ouro Preto durante seu descobrimento e Minas Gerais. Trata-se de um patrimônio imaterial que perdura por 283 anos, sendo uma manifestação cultural de fé com raízes na colonização portuguesa. A comemoração ocorre por um período de três dias, com um conteúdo que abrange o enfeite de cruces de madeira e do cruzeiro presente na Ponte dos Suspiros, procissões, missa em devoção e festas repletas de manifestações culturais típicas do bairro como: barracas, o tradicional amendoim – o qual origina o nome popular da manifestação: Festa do Amendoim – o congado, o bloco Zé Pereira dos Lacaio e shows.

1.1 Justificativa

Tornar-se evidente como a festividade, a partir de uma crença, se desenvolve juntamente com a cultura e o sítio histórico em que se insere, onde cada elemento justifica e embasa todos os tipos de patrimônio (material e imaterial), os tornando indissociáveis e únicos. É importante pontuar que da mesma forma que os monumentos e conjuntos urbanísticos são caracterizados como patrimônio material por seu desenvolvimento histórico-cultural, o imaterial se desenvolve a partir das vivências e experiências específicas adquiridas em um determinado lugar. Logo, a festividade caracteriza-se como forma de aproximação e identidade de um grupo específico.

1.2 Objetivos

Visa-se aqui apresentar a forma como a Festa da Santa Cruz é planejada, estruturada, desenvolvida e realizada ao longo dos dias de sua comemoração. Pontuar e estudar os locais por onde se desenvolve e apresentar como a sua manifestação interage com conjunto histórico no qual está inserida, e conseqüentemente, é intrínseca a ele. Propõe-se apresentar os atuais agentes que a realizam e a impulsionam. Busca-se tornar este escrito um meio de registro da festividade enquanto manifestação cultural de grande valor e seus costumes devocionais, caracterizados como uma solenidade tradicional de fé. Pretende-se buscar o pertencimento e o significado da festa em meio a comunidade visando perpetuá-lo.

1.3 Metodologia de desenvolvimento

Foram consultados diversos livros para a junção de informações que viabilizassem uma correta configuração de como foi a expansão histórica e territorial de Ouro Preto, de Antônio Dias e da Festa de Santa Cruz. Além de livros, buscou-se informações complementares em repertórios virtuais como Fundação João Pinheiro, IPHAN, IEPHA, vídeos informativos e turísticos. Vídeos e fotos puderam ser acessados através do contato com professores, pessoas relacionadas ao sítio histórico, moradores e agentes que promovem a manifestação cultural. Há também, a participação e vivência da festividade pela autora, visita *in loco*, dados coletados através de pesquisas em registros históricos municipais, Secretaria de Cultura de Ouro Preto e Arquivo Público Mineiro de Ouro Preto.

2 | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1 Conformação de Ouro Preto e do bairro Antônio Dias

Diversos estudos foram feitos a respeito de Ouro Preto ao longo do tempo, sendo controversa a atribuição de seu descobrimento. Sabe-se que múltiplas entradas e bandeiras foram organizadas, principalmente em São Paulo, em busca de recursos para arcar com as despesas da colonização. Dentre elas destaca-se a primeira, de Fernão Dias Pais, que segundo Diogo de Vasconcelos (1948) desbrava o sertão do Rio das Velhas em 1677 encontrando grande riquezas em ouro e esmeraldas.

Após anos, com a informação de que Ouro Preto teria sido encontrado na região, Antônio Dias de Oliveira vai em busca das riquezas tão comentadas a pedido de Arthur de Sá. Após três meses de busca, em 24 de Junho de 1698, descobre as terras do 'ouro preto' acompanhado de Pe. João de Faria Fialho e pelos irmão Camargo. Assim apresenta Diogo de Vasconcelos (1948, p.187) o descobrimento:

No dia seguinte, alvorecendo, sexta-feira 24 de junho de 1698, os bandeirantes

ergueram-se e deram mais alguns passos: todo o panorama estupendo do Tripuí, iluminado então pela aurora, rasgou-se dali aos olhos ávidos: e o Itacolomi, soberano da cordilheira, estampou-se nítido e firme no cerúleo do céu, que a luz recamava de púrpura e ouro, de anil e rosas. Tomado o santo do dia, São João Batista foi o patrono da nova terra, *vox clamantis in deserto*; e essa voz, ressoando nos écos da solidão, despertou a natureza ouvindo a saudação do anjo: *Ave Maria!* Foi essa a madrugada em que realmente se fixou a era cristã das Minas Gerais. Estava descoberto o Ouro Preto.

Formam-se os arraiais de Padre Faria e de Antônio Dias, sendo os primeiros de Vila Rica. No ano seguinte o do Ouro Preto, descoberto por Manuel Garcia. Na virada do século XVII para o XVIII desenvolvem-se novos arraiais de forma dispersa e desregulada. A região do ouro preto após muitos anos de lavra, com população heterogênea, variável e irrequieta, passa a ser denominada Vila Rica de Albuquerque em 1711, pela junção de dois grandes arraiais de Antônio Dias e de N.S. de Pilar que se destacaram pela grande atividade comercial (VASCONCELLOS, 1977, p.24 *cf.* VASCONCELOS, 1948, p.99).

Sabe-se que coube ao bandeirante a iniciativa da construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, por volta de 1699. O rápido crescimento da população do arraial de Antônio Dias, que passara a fazer parte da recém-criada Vila Rica, exigiu a elevação de um novo templo. Assim sendo, em 1727 iniciou-se a construção da atual Matriz de Antônio Dias, cujo projeto é atribuído a Manoel Francisco Lisboa (IPHAN, S/D).

A disposição do bairro configura-se em torno da matriz até os dias atuais, sua construção seguiu a regulamentação apresentada pela Constituição Primeira do Arcebispado da Bahia artigo de número 687, que determina:

Conforme direito Canônico, as igrejas se devem fundar, e edificar em lugares decentes, e acomodados, pelo que mandamos, que havendo-se edificar de novo uma Igreja parochial em nosso arcebispado, se edifique em sitio alto e lugar decente, livre de humidade, e desviado, quanto for possível, de lugares imundos, e sórdidos (*apud* TEIXEIRA, 2009, p.13).

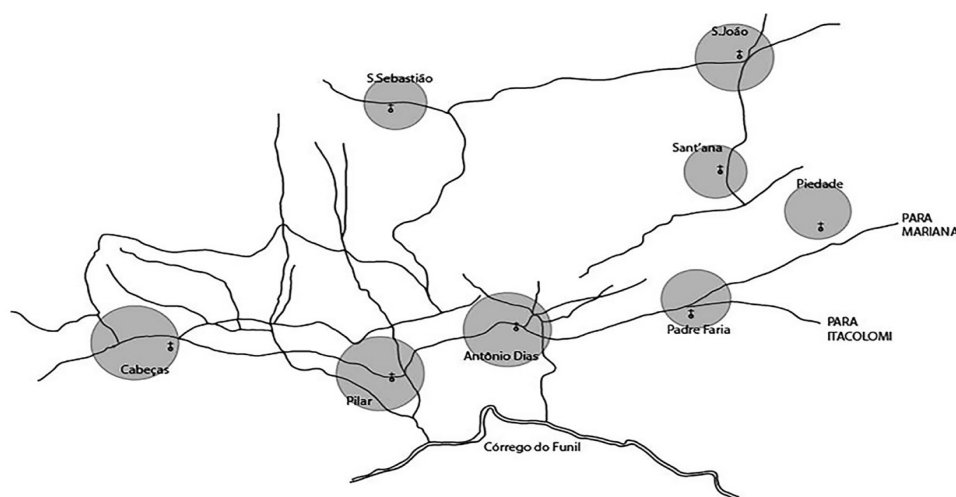
Condiciona-se o tecido urbano nas proximidades da igreja, determinando um sistema de ruas e prédios em suas redondezas (MARX *apud* TEIXEIRA, 2009, p.13). A mesma encontra-se em local de grande visibilidade, ladeada por espaços livres para facilitar procissões ao seu redor. Em sua frente delimita-se uma praça, que possibilitava não só a melhor visibilidade da construção, como também era antigamente usada para sociabilização, na qual seus habitantes travavam contatos e realizavam as festas de caráter religioso. A conformação estruturada na época encontra-se até os dias atuais.

A exploração aurífera promoveu a reunião de grande número de pessoas advindas de diferentes culturas e regiões. Por isto, o culto à religião é desenvolvido com uma visão própria, diferente da apresentada pelos portugueses no início da colonização, ainda que com uma grande força católica:

Assim, a devoção religiosa construiu-se a partir de experiências pessoais e de grupos e fundiu em si traços católicos, negros, indígenas e judeus propiciando um produto *sui generis* que passa pela ambigüidade, pelo hibridismo e ainda, por outras maneiras multifacetadas de devoção(...) (CARVALHO, 2005, p.4).

Logo, os arraiais se desenvolvem inicialmente sem classes e o povo se reúne em torno de suas capelas provisórias, criadas por irmandades únicas, instituídas em Minas Gerais pelo bispado do Rio de Janeiro. À medida em que ocorre o desenvolvimento, e os ribeiros se organizam em vilas, a sociedade começa a se estratificar e seus componentes dividem-se em grupos, organizações próprias e formam novas irmandades e ordens terceiras, que eram congregadas em torno das matrizes (VASCONCELLOS, 1977). Isto ocorre após o rei de Portugal recorrer à Roma a criação de um novo bispado para a colônia, que é efetivada em 1748 com a posse canônica do Bispo Dom Frei Manoel da Cruz, se tornando a sexta instituída no Brasil (ARQUIDIOCESE DE MARIANA, S/D).

Durante o período áureo da vila, com o centro administrativo desenvolvido, constroem-se grandes obras públicas, dentre elas as pontes e os chafarizes, sabe-se que todas as obras de melhoramento na cidade foram realizadas num período compreendido entre 1740 e 1760, após o estabelecimento do centro administrativo. O bairro possui três destes importantes de se destacar: a ponte de Marília possui a datação de construção em 1755; o chafariz do Passo em 1752 e o chafariz do largo de Marília em 1758 (VASCONCELOS, 1977).



Mapa representando a disposição dos primeiros arraiais de Ouro Preto.

Leticia Campos baseado no de Sylvio de Vasconcellos (1977, p.72.).

2.2 Histórico da Festa: Devoção, Tradição e Realização

A festividade da devoção à invenção de Santa Cruz teve origem na Santa Cruz de Cristo, na qual Jesus foi supliciado em razão de sua condenação à morte pelos romanos. Tal veneração tem fulcro, segundo a lenda, no encontro do santo lenho da

Vera Cruz por Santa Helena, no Monte Calvário em 324, conforme o Dicionário da religiosidade popular do Frei Chico (2013). As primeiras peregrinações, à procura da verdadeira cruz em busca de algum vestígio histórico de Cristo, foram realizados por Helena, mãe do imperador Constantino. Foi encontrada uma cruz em Jerusalém, considerada a original e seus fragmentos transformaram-se em relíquias sagradas espalhadas pelo mundo.

Segundo Varazze (2003, p.767), “a Exaltação da Santa Cruz é assim chamada porque neste dia a fé e a Santa Cruz foram especialmente exaltadas”. Toda cruz, ou todo cruzeiro, é memória da morte de Jesus. Em 1500, com a chegada dos portugueses para colonizar as terras do Brasil, houve o erguimento de uma cruz e a celebração da primeira missa no dia 2 de maio. Seguindo o espírito das cruzadas e seu caráter evangelizador, denomina-se este novo lugar como Terra de Santa Cruz em 1501 (CARVALHO, 2005). A Santa Cruz é também celebrada com grande participação popular na sexta-feira santa e no dia da santa cruz.

De acordo com a devoção popular, a cruz foi enriquecida de significados, deixando de apenas ser marco de local de culto e símbolo da religião do império. Passa a ser utilizada como delimitação de local de sepultura, de culto às almas, amuleto contra as hostes demoníacas, males a animais domésticos e a propriedades particulares (CARVALHO, 2005).

No século XVIII, nas cidades históricas, era comum colocar cruzes atrás das portas, em porteiras, currais, galinheiros, na beira das estradas, nas pontes e locais mais altos da cidade, como é o caso dos cruzeiros, com a finalidade de se defender contra os perigos de doenças, conflitos familiares e malfeitores. Segundo a tradição mineira, Nossa Senhora passava beijando cada uma das cruzes enfeitadas concedendo, a partir daí, as graças desejadas. Outro costume corrente naquele tempo era rezar a ladainha de Santa Cruz utilizando mil bagos de milho, passando-os um a um, de mão em mão ao redor de uma grande mesa dizendo: *Jesus, Maria, José, minha alma Vossas é*. Ali rezavam a seguinte ladainha: *Arreda e afasta satanás, Porque essas almas não são suas. Ao dia de Santa Cruz Direi mil vezes Jesus* (CARVALHO, 2005).

Segundo Deolinda Alice dos Santos, no período da mineração as mulheres não podiam sair de casa e nem serem vistas. Tal fato, justifica a existência de janelas com treliças na cidade de Ouro Preto, para possibilitar que as mesmas observassem o movimento das ruas. Com a intenção de sair publicamente para orar, vão até o primeiro Bispo de Mariana, Don Frei Manuel da Cruz e “pedem para rezar ao pé da cruz e nos oratórios das esquinas, pelo menos de 15 em 15 dias ou mensal, fazendo orações para evitar as intrigas e as brigas (COMUNIDADE..., 2016, 1 min. 6 s.).”

No bairro Antônio Dias a reza é feita na Ponte dos Suspiros, aos pés do cruzeiro ornamentado. A Festa conta com barraquinhas, fogueira, retretas e levantamento de mastro. Os fiéis soltam fogos e aproveitam a ocasião para praticar o bucólico *footing*. A celebração ficou conhecida popularmente com duas denominações populares: “Festa da Ponte” e “Festa do Amendoim”. A primeira, por se tratar de uma festividade realizada

sobre a ponte do Antônio Dias, a segunda devido ao grande número de vendedores de amendoim que acorriam à mesma.

A organização dos três dias de festividade mobilizava uma grande quantidade de pessoas pertencentes à comunidade que desempenhavam os papéis necessários para cuidar do trabalho de produção, desenvolvimento e arrecadação de recursos necessários para o financiamento da festa. Em vários anos a festa era comemorada com eventos referentes ao dia do trabalhador, pela proximidade com o feriado de primeiro de maio que antecedia o dia solene da Festa de Santa Cruz. Segundo Antônio Lobo Leite o dia primeiro era reservado para os preparativos realizados pela comunidade e o dia dois era o dia mais ativo da festa, contendo muitas atrações e a ponte já se encontrava enfeitada com diversos adornos. Não haviam barraquinhas no Largo, por solicitação dos festeiros, o que facilitava a realização do 'footing'. Afirma que:

nesse dia sempre uma banda de música, a banda de música tocava umas músicas modernas e tinha o 'footing'. Não tinha barraquinha pra atrapalhar a ponte não, não tinha nenhuma barraquinha, por que a barraquinha atrapalha o 'footing'. Vinha namorado vê as moças pra lá, os rapaz pra lá, e tal, outros vinham pra cá. Aquele vai-e-vem: seguir, fazer a volta na ponte, ouvi a banda de música, o vai-e-vem sabe, até lá adiante, tomava a ponte toda, até lá adiante. Os que não gostavam de fazer o "footing" sentavam na ponte (IEPHA, 2009, p.2).

Afirma-se que tradicionalmente o cruzeiro e a ponte eram lavados e, em seguida, enfeitava-se a Santa Cruz com papel de seda e serpentina. Eram adicionados pontos de luz onde se "fazia um cordão de negativo e positivo" com luzes penduradas em todo o local da celebração. A iluminação era composta por dois fios com os abajures pendurados, em uma altura proporcional à escala do festeiro: "E não era alto não, não era alto não, era uns dois metros e pouco de altura, mas lembro que ficava clarinho mesmo chão. Hoje não pode pôr porque senão caminhão vai, caminhão de três metros de altura arrebenta tudo (IEPHA, 2009, p.2)".

Para dar ênfase à festa realizava-se um ofício de Nossa Senhora na cruz. Era feito um altar onde se colocavam castiçais. Era composto sempre por quinze pessoas que o cantavam todas as noites por aproximadamente uma hora e meia. Para o ofício de Santa Cruz geralmente semeava-se areia branca na extensão de toda a ponte.

Preliminarmente a missa em devoção à Santa Cruz era realizada na ponte, mas alguns anos depois, já no século XX, a Cúria proíbe a realização e institui a realização na Igreja de Nossa Senhora da Conceição com a justificativa da mesma estar localizada muito próxima à ponte (IEPHA,2009).



Missa realizada ao pé de Santa Cruz no ano de 1929.

(Fotografia: Luiz Fontana, 1929. Acervo Universidade Federal de Ouro Preto.)

Dado este fato, a celebração passa a ser realizada no templo citado, cerca de 11 horas da manhã do dia 03 de maio, e a procissão da bandeira de Santa Cruz efetuada à noite. Antônio Lobo Leite conta que o préstito se iniciava da seguinte forma: “geralmente saía de uma dama, de uma moça que fora eleita para ajudar a festa, uma eleição... só escolhia uma moça pra ajudar na festa, e a bandeira saía da casa dela, com a que saía e a outra que ia tomar a posse, seguravam de um lado e de outro, e a banda de música tocava atrás (IEPHA, 2009, p.2)”. No final do cortejo o mastro era erguido, contendo o ano de início (1735) e o ano em que a festa se realizava, e os participantes ficavam à espera da queima dos fogos de artifício. O relato de um festeiro exemplifica os tipos que eram produzidos especialmente para a festividade:

“Os foguetes de artifício eram feitos manual, não tinha drânino, era feito “foguete de rabo” que chamava. Tinha as “coroas”, era um pau assim e punham uma coroa assim, coroa de pólvora. Ela girava, girava, girava e quando apanhava força na giração, subia nas alturas, subia muitos metros, subia alto mesmo. (Shhh) toda vida. Quando chegava lá no fim ela estourava, estourava e soltava “lágrimas”, verde, amarelo, soltava aquelas lágrimas, chamava “foguete de lágrimas”, essa era a coroa. E tinha a “roda” também, a “roda” constituía uma madeira assim, e punha a roda assim, fogo nela e ela rodava, rodava ali, era artifício né? No dia três, apresentava a estampa grande de Santa Cruz. E como? Ela era enrolada assim, enrolada sabe, com fio de pólvora e lá do meio da ponte saía uma pombazinha num arame, tudo feito em arte, a pomba de pólvora também, ela era pomba mesmo, mas dentro dela era tinha pólvora. Ela saía no arame, voando no arame assim, ia lá adiante, quando ela chegava lá ela estourava e punha fogo no estopim, e o estopim pegava no quadro que tava enrolado, descia e desenrolava... (IEPHA, 2009, p.2)”

A queima de fogos não é mais realizada assim como algumas brincadeiras, como pau-de-sebo, sendo substituídas por outras intervenções culturais ao longo dos anos. Os relatos recolhidos pelo IEPHA (2009), apresentam outras alterações sofridas pela festa, onde os tipos de apresentações musicais foram se diversificando e modificando

para acompanhar as mudanças de gosto do público.

Antigamente não havia intervenção ou incentivo do poder público o que tornava o caráter da festa mais intimista, incentivando os membros da comunidade a serem mais ativos e engajados para arrecadação de verba e execução de atividades. Os cidadãos faziam as listas de auxílio na rua, todos contribuía com um pouco para a festa de Santa Cruz e assim se formava o capital para comprar ornamentações e contratar atrações culturais. A festa era muito valorizada por ser uma iniciativa popular e privada (IEPHA, 2009). Ao passar dos anos o número de participantes diminuiu gradativamente.

3 | DESCRIÇÃO DA MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Realizou-se um estudo comparativo dos programas encontrados e, a partir desses referenciais, foi possível traçar o que que não mais ocorre, o que se modificou e o que permaneceu. A celebração possui um caráter mutável, assim como o gosto da população à medida que também se modifica o espaço urbano, o tempo e as gerações. Para o desenvolvimento da descrição da manifestação cultural na atualidade, foram levantadas, principalmente, as atividades realizadas nos dois últimos anos de acordo com referenciais e a vivência da própria autora.

3.1 A Festa de Santa Cruz

As atividades de preparação são iniciadas em abril, buscando instituições que colocarão barracas, buscando atrações e promovendo a movimentação da comunidade para o período em que se realizam oficinas de enfeite de cruzeiros com crianças de escolas próximas, com a finalidade de promover e difundir a celebração para as novas gerações, se tornando uma medida desenvolvida pela AMADIAS (Associação de Moradores do Antônio Dias) para realizar de forma prática a educação patrimonial no bairro. As atividades da celebração são iniciadas com a ornamentação do cruzeiro presente na “Ponte dos Suspiros” do Antônio Dias, do largo de Marília de Dirceu e a colocação das cruzeiros previamente enfeitadas nas portas das casas por onde passam as procissões. “As apresentações musicais e intervenções culturais iniciam-se na quinta-feira anterior ao final de semana da festa (IEPHA, 2009, p.2)”.



Cruz ornamentada pela comunidade no ano de 2011.

Acervo Deolinda Alice dos Santos.

O período de realização é tradicionalmente de três dias, iniciando-se no dia primeiro de maio, Dia do Trabalhador, até o dia três, Dia da Invenção da Santa Cruz. Devido ao fato de a festa ser realizada em espaço público e aberto, a realização está condicionada ao clima e sujeita a modificações. Independentemente deste fato a tradição da reza ao pé da cruz é mantida no dia destinado a ela. Como é possível exemplificar com o que ocorreu no ano de 2016, ocorrendo no final de semana dos dias 29, 30 e 31 de abril, semana anterior à da data tradicional.

A festa de Santa Cruz é composta por programações religiosas e culturais. As práticas devocionais são compostas por missas e terços na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, do Ofício aos pés da Santa Cruz, na ponte do Antônio Dias (IEPHA, 2009). As festas são realizadas todos os dias e se dividem em shows, espetáculos teatrais, causos, leilões, barraquinhas de culinária típica e outras manifestações culturais apreciadas pela comunidade, como a apresentação do bloco do Zé Pereira Mirim e rodas de capoeira.

A programação da sexta-feira se inicia no Largo Marília de Dirceu com a abertura das barraquinhas no início da noite que oferecem para venda comidas típicas, como caldos, quentão, canjica doce e canjiquinha, amendoim torrado e pipoca. Permanecem até o último dia do evento e a renda obtida é destinada à entidades participantes como Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia do Alto da Cruz. A partir da organização e participação das entidades é possível levantar fundos para projetos e iniciativas culturais exercidas durante o ano.

O sábado possui maior número de entretenimentos por abranger os períodos de tarde e noite. As atrações do entardecer abrangem atividades direcionadas ao público

juvenil da comunidade disponibilizando-se brincadeiras populares infantis e finalizada com a apresentação do Zé Pereira Mirim. A folia noturna é acompanhada da presença de shows e leilões em seus intervalos.

Há uma feira de produtos agrícolas realizada todos os domingos pela manhã e é mantida no período da festa. Por isso, as intervenções culturais voltam a ser realizadas no período da tarde. No início da noite é executada a missa em louvor à Santa Cruz na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, seguida pelo Ofício aos pés da Santa Cruz. A noite e o período festivo é encerrado com shows e leilões de prendas.

A celebração à Santa Cruz é realizada todo o dia 03 de maio, impreterivelmente. É composta pela procissão, reza do ofício de Santa Cruz e o levantamento da bandeira. Os Mordomos do ano, sempre membros da comunidade, recebem os devotos em sua residência e ali realizam orações.

A procissão inicia-se em seguida e segue acompanhada do cortejo da “Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia do Alto da Cruz” e da banda “Sociedade Musical Senhor Bom Jesus das Flores”. Os Mordomos vão à frente e são responsáveis pelo transporte dos bens solenes: a coroa e a bandeira de Santa Cruz.



Cortejo pelo bairro Antônio Dias, coroa e bandeira à frente.

(Fotografia: Acervo Deolinda Alice dos Santos, 2013.)

O destino é a Ponte dos Suspiros, onde é realizada a reza do Ofício de Santa Cruz aos pés do cruzeiro que se encontra enfeitado e assistido por um pequeno altar. O ofício cumprido pelos devotos em devoção à Santa Cruz é apresentado a seguir:

Deus Todo Poderoso, que sofreste a morte na madeira sagrada, por todos os

nossos pecados, sede comigo Santa Cruz de Jesus Cristo, compadecei-vos de nós, Santa Cruz de Jesus Cristo, compadecei-vos de mim. Santa Cruz de Jesus Cristo sede a minha esperança. Santa Cruz de Jesus Cristo, afastai de mim a arma cortante. Santa Cruz de Jesus Cristo, derramai em mim todo o bem. Santa Cruz de Jesus Cristo, desviai de mim todo o mal. Santa Cruz de Jesus Cristo, fazei com que eu siga o caminho da salvação. Santa Cruz de Jesus Cristo, livrai-me dos acidentes temporais e corporais. Santa Cruz de Jesus Cristo, vos adoro para sempre. Santa Cruz de Jesus Cristo, fazei com que o espírito maligno e infalível se afaste de mim. Conduzi-me, Jesus, à vida eterna. Amém, por todos e em todos os séculos dos séculos. Amém (SENAC, s/d).

Logo após, como encerramento da celebração solene, há o levantamento da bandeira de Santa Cruz no Largo Marília de Dirceu e os devotos ali permanecem para a realização do ‘footing’, assistir aos shows e degustarem as comidas oferecidas pelas barraquinhas.

3.2 Relação com o lugar, bens móveis e integrados e outras manifestações culturais

A festa é realizada a partir da devoção da comunidade, de sua vivência social e urbana. Devido a este fato, ela está diretamente ligada a outros bens, materiais e imateriais, que lhe dão suporte. Podemos citar como bens móveis integrados à festa a bandeira, o mastro e a coroa. As manifestações culturais interligadas mais frequentes são as bandas militares e devocionais, podendo-se citar a Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia do Alto da Cruz e a banda Sociedade Musical Senhor Bom Jesus das Flores que acompanham os cortejos; o Zé Pereira Mirim que se apresenta no Largo Marília de Dirceu. Além das manifestações culturais agendadas e programadas para a festividade, costumam ocorrer outras, sem prévio aviso, de acordo com a apropriação da comunidade no espaço, como rodas de capoeira, rodas de ‘causos’ e outras atividades.

A prática imaterial associada à celebração é a reunião de oficinas para realização de enfeites em cruces em madeira, que posteriormente são afixadas nas portas das casas (IEPHA, 2009). Esse costume estende-se ao enfeite do cruzeiro da Ponte dos Suspiros e à ornamentação da festa em geral, que mobiliza e envolve a comunidade.

O sítio histórico do Largo é apropriado e dá suporte para a interação social, onde moradores partilham costumes, crenças e gostos em comum. Cria-se um local de encontro, como afirma Celmar em entrevista: “Além do mais, essa é a oportunidade de encontro né, a gente vive aí uma dificuldade tão grande no Brasil ultimamente e a gente precisa valorizar esses ambientes de encontro entre a comunidade e de ocupação saudável dos espaços públicos” (ENTREVISTA..., 2016).

Os monumentos tornam-se suportes físicos para desenvolvimento de expressão cultural. A ponte recebe um caráter sagrado, onde realiza-se o Ofício em devoção à Santa Cruz. A Matriz Nossa Senhora da Conceição acolhe terços e missa. O Chafariz do Largo de Marília compõe o palco, recebendo iluminação diferenciada, para favorece-

lo.

É importante ressaltar que se trata de uma paisagem cultural com grandes riquezas histórico-culturais que carrega consigo referenciais que se interligam com a celebração e a justificam.

Deolinda Alice dos Santos afirma que a tradição não corre o risco de se extinguir, são ministradas disciplinas de educação patrimonial em escolas – Escola Municipal Monsenhor Joao Castilho Barbosa e Escola e Estadual Marília de Dirceu – e oficinas de ornamentação de cruzeiros (COMUNIDADE..., 2016). A iniciativa de apresentar às novas gerações o processo histórico-cultural da cidade e, principalmente, da comunidade é de suma importância para a perpetuação dos bens culturais imateriais. Além disso, garante e reafirma o pertencimento e aproximação da juventude com o material, tanto monumental quanto o sítio urbano.

Essa manifestação de fé constitui parte da vivência e dinâmica cultural do bairro Antônio Dias. Há a apropriação dos agentes participantes dos bens culturais como um todo. A festa torna-se não só uma devoção secular renovada a cada ano, mas também momento marcado para interação, encontro e comunicação dos moradores.

Torna-se importante ressaltar que ao se tratar de patrimônios imaterial e material não há como desassociá-los, uma vez que coexistem de forma intrínseca. O patrimônio material só é um bem à medida que é constituído de significado cultural para uma determinada população. Por isso, Ouro Preto se caracteriza por um patrimônio arquitetônico e urbanístico em sua riqueza em sua natureza histórico-cultural. Da mesma forma, a Festa de Santa Cruz se caracteriza por um bem imaterial à medida que se relaciona com o espaço em que é realizada, com os monumentos e principalmente com a grande crença e a fé da comunidade. A respeito da relação entre o físico e o simbólico é possível citar:

Quando se fala em patrimônio imaterial ou intangível, não se está referindo, propriamente, a meras abstrações, em contraposição a bens materiais, mesmo porque, para que haja qualquer tipo de comunicação, é imprescindível suporte físico. Todo signo (e não apenas os bens culturais) tem dimensão material (o canal físico de comunicação) e simbólica (o sentido, ou melhor, os sentidos) – como duas faces de uma moeda. (FONSECA, 2005, p.191 *apud* TELLES, 2010, p.125).

Portanto, a festa se despiria de seus significados caso se deslocasse de seu local de realização, se modificaria e se tornaria outra forma de manifestação. Como exemplo, podemos citar diferentes locais em que são executadas a mesma manifestação e a fazem de sua forma particular e singular, assim como em Antônio Dias.

3.3 Identificação dos agentes

Os agentes que promovem a festa são principalmente os moradores do bairro Antônio Dias, onde a AMADIAS toma frente da organização arrecadando recursos e recebendo apoio de instituições públicas municipais. A Prefeitura de Ouro Preto auxilia

a organização do evento, e algumas de suas secretarias contribuem com a contratação dos serviços de palco, luz, som e bandas. A FAOP contribui cedendo o espaço para realização de reuniões da comunidade, para oficina de ornamentação de cruzes e dando suporte para o que a comunidade solicitar assim como o Clube Zé Pereira dos Lacaio, mantido e desenvolvido pela comunidade, que fornece sua sede não só para reuniões como também para guardar os bens integrados (coroa, mastro, bandeira) durante o ano. A partir da arrecadação dos festeiros, o comércio local contribui com uma parcela da renda e dando apoio (COMUNIDADE..., 2016).

4 | CONCLUSÃO

Deste modo, diante de todo o estudo e levantamentos aqui realizados, faz-se mister ressaltar a importância histórica, cultural e principalmente devocional da Festa de Santa Cruz. A fim de se despertar nos órgãos defensores do patrimônio, bem como na comunidade, o sentimento de pertencimento e identidade, não só ao referido festejo como também ao monumento. Têm-se o objetivo de se instaurar, de forma contundente e eficaz, a educação patrimonial para promover a proteção tanto do bem arquitetônico e cultural quanto da celebração religiosa.

Ao estudar como a comunidade do bairro Antônio Dias interage com seu espaço urbano durante o período festivo – realizando procissões que se deslocam da casa dos Mordomos até a Ponte do Antônio Dias, o ofício aos pés da cruz e a festa no Largo de Marília – podemos observar como o morador se apropria dos bens materiais como suportes e extensões de sua manifestação de fé. A festividade é indissociável de seu sítio histórico, uma vez que a existência de ambos é correlacionada e interdependente.

Devido às modificações que ocorreram ao longo dos anos, tanto culturalmente quanto socialmente a festa acabou se tornando, para muitos, apenas uma manifestação de cunho meramente festivo, de encontro e interação, diminuindo sua real conotação sagrada e religiosa. Tal fato deve-se não só à perda da memória e da passagem entre gerações, mas também à diminuição da população atuante e participante e à assistência pública sem o correto apoio e incentivo direcionado a políticas públicas de propagação dessa manifestação. É imprescindível desenvolver medidas de educação patrimonial mais abrangentes para garantir e reafirmar os princípios e objetivos desse bem imaterial e sua perpetuação.

Para tanto, é vital a abordagem dos sentidos sociológico, cultural e histórico da manifestação religiosa, com uma comissão interdisciplinar junto à comunidade, buscando desenvolver um dossiê de registro completo para ser apresentado ao COMPATRI e assim garantir o registro deste bem imaterial no Livro de saberes e celebrações de Ouro Preto.

Torna-se necessário realizar e executar propostas consistentes de salvaguarda para garantir a preservação deste bem. Mesmo já existindo medidas realizadas pela comunidade junto às escolas, é importante efetuar dinâmicas, oficinas, cartilhas

direcionadas à educação patrimonial, atualizar os registros pré-existentes, como mídias digitais.

Propõe-se um dossiê mais aprofundado a respeito da temática abordada e o registro deste bem imaterial junto ao IPHAN. Esse estudo será utilizado como embasamento fortalecedor para isto, como também, para a proposta de um plano de preservação para o conjunto histórico do bairro Antônio Dias, principalmente os locais onde a manifestação cultural possui maior atividade e é o suporte material para a festa: Ponte dos Suspiros, Largo de Marília e áreas próximas. Este plano de preservação é a proposta a ser realizada em uma próxima etapa, assim como o desenvolvimento de um projeto de restauração para a estrutura urbana do bairro.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **A cruz e crucifixos em acervos mineiros**. Boletim do CEIB. Belo Horizonte, volume 19, Número 61, julho/2015. Disponível em: <<http://www.ceib.org.br/pub/Boletim61.pdf>>. Acesso em 15 set 2017.

CARVALHO, Meynardo Rocha de. **O culto à Santa Cruz em Minas do Ouro**: religiosidade popular no Bispado de Mariana 1745/1830. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1434.pdf>>. Acesso em 22 out 2017.

COMUNIDADE - Tradição da festa de Santa Cruz em Ouro Preto. Ouro Preto: Top Cultura, 2016. (5 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1XpkZEvryjw>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

ENTREVISTA de Estúdio - Festa de Santa Cruz em Ouro Preto. Entrevistado: Celmar Ataídes Junior. Ouro Preto: Top Cultura, 2016. (4 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJmiSUSq8LE>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Desenvolvimento Urbano. **Plano de conservação, valorização e desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana**: relatório síntese: parte 1. Belo Horizonte, 1975. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/consultaDetalheDocumento.php?iCodDocumento=48824>>. Acesso em 24 out. 2017.

IEPHA. Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio. **Inventário de proteção do acervo cultural**. 2009. 24p.

OURO PRETO. FUNDAÇÃO DE ARTE DE OURO PRETO. **Confira a programação da Festa de Santa Cruz, que acontece nos dias 1, 2 e 3 de maio, em Ouro Preto/MG**. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/FAOPmg/photos/a.265745626815196.69344.181987338524359/919773604745725/?type=1&theater;>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

OURO PRETO. Idas Brasil Ltda. Unesco (Org.). **Festa de Santa Cruz (Festa do Amendoim)**. 2016. Disponível em: <<http://ouopreto.org.br/Festa+de+Santa+Cruz+-+Festa+do+Amendoim-/17/minas-gerais/evento>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

OURO PRETO. SUPERINTENDÊNCIA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO. Prefeitura Municipal de Ouro Preto **Fé e tradição na festa da Santa Cruz**. 2017. Disponível em: <<http://www.ouopreto.mg.gov.br/noticia/168>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

POEL, Francisco van der – Frei Chico. **Dicionário da Religiosidade Popular – Cultura e Religião no Brasil**. Editora Nossa Cultura, 2013, 1.150 p.

SENAC MINAS. **Manifestações Culturais tradicionais – Festa de Santa Cruz.** *Descubra Minas*. Disponível em: <http://www.descubraminas.com.br/Cultura/Pagina.aspx?cod_pgi=2146>. Acesso em 7 ago 2017.

TELLES, Mário Ferreira de Pragmácio. **Patrimônio cultural material e imaterial - dicotomia e reflexos na aplicação do tombamento e do registro.** *Políticas Culturais em Revista*, 2 (3), p. 121-137, 2010. Disponível em: <www.politicasculturaisemrevista.ufba.br>. Acesso em 21 nov. 2017.

TEIXEIRA, Cláudia Mudado. **As minas e o templo:** o caso de muitos casos. *Revista Mosaico*, v.2, n.1, p.9-16, jan./jun., 2009. Disponível em: <seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/778/595>. Acesso em 23 out. 2017.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda áurea:** vidas de santos; tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica. Hilário Franco Júnior. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VACONCELOS, Diogo de. **História Antiga das Minas Geraes.** Belo Horizonte. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 2 ed, v 1-2, 1948.

VACONCELOS, Diogo de. **História Antiga das Minas Geraes.** Belo Horizonte. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 2 ed, v 2-2, 1948.

VASCONCELLOS, Sylvio. **Vila Rica:** formação e desenvolvimento – residências. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-266-1



9 788572 472661